

Thiago Guilherme Rêgo BARROS
Maria Clara Martins RIBEIRO
Lorena Mendes MORENO
Yasmim Moreira JACINTHO
Graduandos em Psicologia
UniAcademia

O cansaço me tornou calado, quase sempre um homem de poucas palavras. Foi assim que aprendi a observar cada pessoa que passa pelo meu carro diariamente. Outro dia conheci um sujeito boa pinta, bem arrumado, daqueles que você pensa que não tem um probleminha sequer, uma vida que parece de filme. Na minha posição de taxista, ouvi por vários minutos o cara reclamar da solidão que sentia mesmo diante de todas as suas regalias, desse jeito mesmo, desabafando aos prantos com um completo estranho sobre como chorava encostado numa parede toda vez que parava para pensar em todas as relações superficiais que já viveu e em como tudo ao seu redor parecia desmoronar, sem entender ao certo a fonte ou razão de tudo aquilo. Era nítida sua falta de esperança em si mesmo e nos outros.

Aquilo realmente tinha marcado o que até então era, para mim, mais um simples dia de trabalho. As vezes pode ser estranho pensar que as pessoas também têm suas questões e que não deve se estabelecer uma comparação entre as dores dos outros. Dizem que dinheiro não traz felicidade, e se for verdade mesmo? Acho que deve depender de cada pessoa, cada história. Quando chego em casa e posso ter o carinho da minha esposa e dos meus filhos, me permito agradecer e pensar sobre tudo que já vivi e ainda posso viver, tudo que fiz e que me trouxe a vida que eu vivo hoje. Penso na minha família, especialmente no meu pai. Talvez ele seja a razão de eu ainda viver na mesma casa desde que nasci, cheia de memórias e lembranças. Isso me acolhe quando me sinto perdido, assim como aquele rapaz. Em tempos nos quais predomina o individualismo, não é raro se sentir sozinho.

Quando criança, passei por uma situação difícil. Era época da pandemia de um vírus, que assolava todo o mundo de maneira caótica. Mesmo sabendo que um vírus não tem a capacidade de escolher quem atingir pela condição social ou racial de alguém, foi gritante a diferença entre a população brasileira mais e menos atingida. Uma delas foi meu pai. Foi muito doloroso, e ainda é, ter presenciado tanto egoísmo, não só por parte da população, mas também por um governo indiferente, piorando ainda mais a angústia de quem via de perto o poder de destruição de algo que não é visto a olho nu. Perder alguém gera uma falta de esperança que eu acredito ser natural. Mas não ter o direito de enterrar esse alguém dói. Dói muito.

Com a pandemia, tudo mudou. O isolamento forçou as pessoas a frear, parar e pensar. Isso significou tirar a tampa dessa panela de pressão. A ausência daquele mundo que exigia a atenção de todos a todo instante redirecionou esse olhar para o único lugar que restava: seu interior. A partir do momento em que essa tampa não estava mais presente, cada um se deparou com a real dimensão e infinitude da sua profundidade. Meu pai sempre dizia que esse encontro é difícil, muitas vezes doloroso, mas necessário. Eu nunca entendi muito bem o porquê dizer aquilo. No isolamento, a companhia de si mesmo é chocante: te faz enxergar com outros olhos quem você é, como você se encaixa no mundo, qual a sua condição enquanto humano e, principalmente, a consciência do seu papel enquanto participante de um coletivo. Passamos a vida esperando que algo aconteça para aí sim se sentir pleno e feliz, seja um amor, satisfação profissional ou o sonho da casa própria. Na realidade, a vida

passa e o que resta é o sentimento de vazio e insuficiência mesmo diante de todos os bens, sejam eles materiais ou não.

Não sei se acredito em destino, mas o encontro com aquele homem, diante de suas queixas sobre seus relacionamentos e sua insignificante relação consigo mesmo, me abriu os olhos para o significado de resignificação. A esperança vem do esclarecimento de que muito do que você é vem das dificuldades que você passa, da solidão, do sofrimento. Naquela época, se conhecer foi fundamental para a retomada de uma vida com um novo significado, uma vida mais livre de tudo aquilo que os controlava, vivida com toda a intensidade que merece. No final das contas, o isolamento que vivemos há tantos anos e o que aquele rapaz sentia tinham muito em comum, inclusive a solução: conhecer, de fato, quem você é.